

A internet é um campo de batalha! As mulheres curdas, o ISIS e os usos e discursos do online em um conflito de repercussão internacio- nal

por Gabriella de Toledo S. C. L. de Moura¹ e

Thaís dos Santos Choucair²

Setembro de 2014. Uma mulher yazidi³ é sequestrada pelo grupo Estado Islâmico no Iraque e vendida como escrava sexual. Cerca de outras 300 mulheres⁴ compartilharam com ela esse mesmo destino. Julho de 2014. Milhares de mulheres⁵ residentes dos territórios controlados pelo grupo sofreram mutilação genital após ordem da organização jihadista⁶. O Estado Islâmico é um grupo radical de islâmicos sunitas, que têm cometido diversos ataques às populações dissidentes de suas ideologias, como assassinatos, decapitações, estupros, sequestros, além de escravização. O ISIS, como é conhecido mundialmente, vem criando uma realidade de terror na região do Iraque e Levante. Tais ações têm acontecido de forma mais orquestrada desde 2012, mas, até poucos meses, o grupo não havia despertado a atenção da comunidade internacional, tendo sido, inclusive, apoiado por muitos Estados na luta contra o regime de Assad, na Síria⁷.

1 Gabriella de Toledo e Silva Correia Lima de Moura é estudante de Defesa e Gestão Estratégia Internacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e volta seus estudos para as pesquisas relativas ao Oriente Médio.

2 Thaís dos Santos Choucair é estudante de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e integrante bolsista de iniciação científica do grupo de Estudos em Mídia e Esfera Pública (EME), e seus estudos estão situados na área de Comunicação e Política.

3 Yazidi: Minoria étnica-religiosa cuja crença funde princípios cristãos, islâmicos e zoroastrianos.

4 Dados do Observatório de Direitos Humanos da Síria e relatórios da ONU

5 Dados do Observatório de Direitos Humanos da Síria e relatórios da ONU

6 Jihadista: Muçulmanos que defendem e promovem o Islã através da luta, geralmente, armada

7 Informações retiradas do livro *The Isis Threat: The Rise of the Islamic State and their Dangerous Potential*, lançado Providence Research, com pesquisas e dados de diversos institutos, jornalistas e governos.

Na empreitada contra grupos étnicos divergentes, devido à localização territorial o ISIS tem travado um conflito em especial com a população curda. Os curdos são uma etnia original da região conhecida como Curdistão, que está distribuído entre a Turquia, Irão, Iraque, Síria, Armênia e Azerbaijão. O povo curdo já vinha lutando contra o regime sírio na guerra civil de 2013, e, hoje, forma a principal força de resistência em solo contra o autoproclamado Estado Islâmico.

Após ataques em Sinjar, em agosto, onde milhares de curdos e Yazidi foram mortos, sequestrados e obrigados a se refugiarem nas montanhas sem comida ou água, os governos ocidentais passaram a fornecer armamento e treinamento para peshmergas no nordeste do Iraque - ou sudeste do Curdistão⁸. Já na região de Rojava, oeste do Curdistão, a situação é ainda mais crítica: apenas recentemente as forças de resistência que atuam contra o ISIS passaram a ter o auxílio dos ataques aéreos realizados pela coalisão liderada pelos Estados Unidos. A cidade de Kobani se tornou ícone dessa resistência que encontrou nas mulheres do YPG (People's Protection Units) e YPJ (Women's Defense Units) suas protagonistas. Nesse contexto, há anos ambos os grupos combatem não só o ISIS, mas também outros extremistas e o regime ditatorial sírio⁹.

Complexas e numerosas são as questões tangenciando o conflito que envolve o Estado Islâmico e as mulheres curdas - além de diversos outros atores. Mas um aspecto em especial é passível de ser empiricamente observado; basta uma pesquisa no canal de vídeos Youtube com algumas palavras chave como "kurdish women" - ou qualquer tradução para qualquer língua - que uma série de vídeos com milhares de visualizações e comentários argumentativos surgirão. Entre outras práticas, essas mulheres têm aprendido, ensinado e utilizado táticas de guerra e manuseios de armas, além de estarem lendo e espalhando para outras mulheres livros marxistas e feminis-

8 Informações retiradas do livro *The Isis Threat: The Rise of the Islamic State and their Dangerous Potential*, lançado Providence Research, com pesquisas e dados de diversos institutos, jornalistas e governos.

9 Informações retiradas do artigo publicado pela estudante PhD Dilar Dirik da Universidade de Cambridge, disponível no site <http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2014/09/other-kurds-fighting-islamic-stat-2014928753566705.html>

tas, recrutando novas combatentes¹⁰. Afinal, entre os livros e as armas de fogo, onde se encaixam as redes online no contexto dessas mulheres? Como elas se utilizam delas para apresentarem seus entendimentos de mundo? Suas perspectivas? E o ISIS? Como esse grupo tem utilizado a Internet como campo de batalha, construindo e disseminando seus discursos mundialmente?

A dimensão política das trocas comunicacionais

Cynthia Weber trouxe uma marcante e importante contribuição sobre a relevância de processos comunicacionais e constitutivos de moralidades e valorações nos processos políticos como um todo no seu ensaio *Securitising the Unconscious: The Bush Doctrine of Pre-emption and Minority Report*¹¹. Ao relacionar o filme chamado *Minority Report* e as práticas adotadas no governo Bush, ela explica:

A Doutrina Bush e o Departamento de Pré-Crime do *Minority Report* não só reordenaram institucionalmente as relações dos Estados Unidos com a justiça e a segurança. Eles também remapearam o que Michael Shapiro chama de ‘geografias morais’, ‘um conjunto de afirmações éticas silenciosas que pré-organiza os discursos ético-políticos explícitos’ e o que John Agnew chama de ‘imaginação geopolítica moderna’, o qual consiste em ‘práticas estruturantes com base em um conjunto de entendimentos sobre a forma como o mundo funciona’. Fazem-no no mais silencioso (ainda que gritando) espaço de todos: a inconsciente. (WEBER, 2005).

Assim como a autora defende olharmos para esse remapeamento das “gramáticas morais”

10 Informações retiradas do artigo publicado pela estudante PhD Dilar Dirik da Universidade de Cambridge, disponível no site <http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2014/09/other-kurds-fighting-islamic-stat-2014928753566705.html>

11 O argumento do paper pode ser melhor contextualizado com as primeiras linhas do resumo do mesmo: “Using *Minority Report* as its interpretive guide, this essay considers how the securitisation of the unconscious is performed in primarily fiction (film) but also ‘fact’ (US foreign policy). The essay makes two general arguments. Implicitly, it argues that American moralities and what I call US moral grammars of war are not only formulated in traditional realms of politics but in geopolitical moral imaginaries in which US foreign policy intersects with popular (often filmic) imaginaries as well as with narratives about the family.”

e desses “entendimentos sobre a forma como o mundo funciona” na questão relativa ao filme *Minority Report* exibido na mesma época da política da Doutrina Bush nos EUA, reiteramos o argumento que esses entendimentos de mundo e essas constituições de gramáticas morais - que se dão no nível discursivo e da linguagem - são um ponto que precisa ser mais e melhor observado e discutido quando se pensa em conflitos e defesa internacionais. O legado de Jürgen Habermas¹² e outros autores - e críticos - que escreveram sobre esfera pública e processos de deliberação e a consecutiva relevância dessas teorias no interior das pesquisas e ensaios da Ciência Política, Filosofia, Sociologia, Comunicação Social, Direito, entre tantas outras, torna cada vez mais evidente que entender as relações entre os Estados, entender os conflitos, entender a História (ou as Histórias) não é algo possível se ignorarmos o âmbito discursivo, o âmbito da disputa argumentativa e, também, o âmbito das construções e disputas morais. Nas palavras de Maia (2008):

Na política deliberativa, a atenção deixa de estar voltada para o ato final da votação e os problemas de escolha social que o acompanham, para se concentrar no processo pelo qual se forma a opinião na esfera pública, e no modo como ela influencia a formação da vontade política ou a produção das decisões coletivas nos âmbitos formais do sistema político. (...) Trata-se de examinar não apenas as preferências que os indivíduos têm num dado momento, mas também como complexas redes de argumentações, discussões morais e negociações pragmáticas vão-se constituindo e se sobrepondo umas às outras. (MAIA, 2008)

No caso do olhar sobre os conflitos e relações internacionais, não basta olhar para esses processos ansiando entender as relações militares ou econômicas simplesmente. Com um mundo cada vez mais populoso, urbano e conectado (tanto pelas tecnologias - de comunicação ou de transporte - quanto politicamente), as disputas dentro da esfera pública internacional se tornam centrais nas relações internacionais. Essas disputas se dão através de discursos, processos deliberativos, argumentações, jogos de visibilidade e invisibilidade e performances de poder. Nesse contexto, o surgimento da Internet nos anos 90 transforma substancialmente não só a esfera pública, mas as próprias formulações políticas e

12 Jürgen Habermas: filósofo e sociólogo alemão, conhecido especialmente pelas teorias acerca do conceito de esfera pública e da racionalidade comunicativa.

as relações entre os cidadãos e o Estado. Como explicita Clay Shirky no paper *The Political Power of Social Media*, uma das alterações que vêm dessa tecnologia tem a ver com o fato de que:

(...) a partir do momento em que o cenário das comunicações fica mais denso, mais complexo e mais participativo, os internautas estão ganhando mais acesso à informação, mais oportunidades de se engajarem nos discursos públicos, e uma maior capacidade para empreenderem uma ação coletiva. (SHIRKY, 2011).

A Internet, então, não só vem sendo uma nova plataforma de comunicação, mas verdadeiramente se tornando intrínseca às múltiplas realidades que vivenciamos no Século XXI, reformulando as articulações políticas e dando lugar a novos discursos e construções simbólicas. Não é que esses discursos nunca estiveram em conflito e disputa: esses entraves sempre existiram, seja através do boca-a-boca, dos jornais dos movimentos, dos panfletos, das rádios, dos palanques, dos comícios, das reuniões, das entrevistas transmitidas pela televisão ou programas oficiais, entre outros. Mas com a Internet eles se tornam mais universalizados e horizontais, possibilitando que grupos com menor potencial tomem uma dimensão mais ampla de poder, como é o caso do próprio ISIS, por exemplo: apenas com os media tradicionais, seria improvável que obtivessem um alcance mundial para compartilhar suas ações e sua ideologia, porém, com as redes sociais, isso se torna possível.

Construindo uma gramática moral dissidente

Weber (2005) fala sobre a construção de “moral grammars of war” pelos Estados Unidos através de articulações que vão além da política tradicional, mas que se dá através de âmbitos como o do imaginário, por exemplo. A questão aqui é que qualquer grupo político, governo, movimento, etc., muito além de conseguir vitórias militares, anseia por vitórias de significados. O grupo Estado Islâmico tem um entendimento acerca do mundo que é compartilhado através de suas ações, seus textos, suas posturas, suas performances. O fato do ISIS compartilhar com todo o globo seus vídeos decapitando jornalistas ocidentais não diz só da morte dessas pessoas; isso

constrói poder e insere nas gramáticas morais mundiais os significados de mundo deste grupo: o califado como objetivo principal, o ódio contra o Ocidente – Ocidente que, segundo a moral religiosa sunita, propaga uma cultura pecadora contrária aos princípios islâmicos. O fato deste grupo ter vendido 300 mulheres como escravas sexuais não diz somente a respeito dos direitos feridos dessas pessoas; mas, também, do entendimento desse grupo acerca das mulheres, do significado e do lugar que essa ideologia atribui às mulheres. Da mesma forma, a resistência feminina curda não diz só das vitórias militares ansiando proteger as divisas de Kobani: tal grupo luta e disputa também significados. E utiliza a Internet para travar essas disputas político-simbólicas que constroem gramáticas éticas e morais, dado que essa plataforma torna possível essa inserção. Nesse caso, é possível identificar principalmente dois significados (ou argumentos, ou entendimentos) compartilhados por essas pessoas e subentendidos nos materiais compartilhados por elas: a) os direitos, o poder e a força das mulheres enquanto classe sexual (é possível percebê-lo nos discursos a favor dos direitos das mulheres, da possibilidade das mulheres lutarem em um conflito, guerra ou disputa, na defesa de que mulheres devem ser tratadas de forma semelhante aos homens, entre outras noções nesse sentido, identificados em vídeos do Youtube, entrevistas em portais e blogs e posts no Facebook, especialmente da página *The Middle Eastern Feminist* ou na página do YPJ) e b) os direitos do povo curdo frente aos ataques do grupo Estado Islâmico (é possível percebê-lo também nos locais anteriormente especificados, mas também em outros mais gerais relacionados à questão curda e não necessariamente conectados à questão das mulheres). As curdas, então, disputam para que tais noções tenham espaço na esfera pública internacional e que sejam compartilhadas e incorporadas à forma de enxergar o mundo de outros cidadãos, não só curdos, mas de todo o mundo: e usam, para isso, as redes sociais.

Assim, um entendimento e uma moral compartilhados mundialmente que se situam em um status quo, qual seja, a posição subalterna da classe sexual feminina, são questionados por uma inserção discursiva das mulheres curdas na esfera pública internacional através dos materiais produzidos por elas e compartilha-

hados na rede. Além disso, questionam também os significados e valores morais do grupo ISIS, defendendo o direito da população curda frente aos objetivos e ações do grupo terrorista islâmico, travando um conflito que vai além das armas e das ideologias, mas que se situa no campo do simbólico e do discursivo, no campo dos entraves para as construções de gramáticas morais.

Bibliografia

ARGENTIERI, Benedetta. Kurdish female fighters battle for freedom and equality in Syrian Kurdistan. Acessado em 03 de Janeiro, 2014. Disponível em <<http://ekurd.net/miscas/articles/misc2014/12/syriakurd1757.htm>>

DIRIK, Dilar. The 'other' Kurds fighting the Islamic State. Acessado em 02 de Janeiro de 2014. Disponível em <<http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2014/09/other-kurds-fighting-islamic-stat-2014928753566705.html>>

GATEHOUSE, Gabriel. The Kurdish female fighters bringing the fight to IS. Acessado em 15 de Dezembro, 2014. Disponível em <<http://www.bbc.com/news/world-middle-east-29085242>>.

Interview YPG fighter Zozan Cudi, Syria Kurdistan. Acessado em 03 de Janeiro, 2015. Disponível em <http://www.liveleak.com/view?i=cdb_1386717587>.

MAIA, Rousiley. Mídia e de-liberação. FGV Editora, 2008.

Meet the Kurdish Women Fighting ISIS in Syria. Acessado em 03 de Janeiro, 2015. Disponível em <<http://www.nbc-news.com/storyline/isis-terror/meet-kurdish-women-fighting-isis-syria-n199821>>

Mulheres curdas assumem a linha de frente contra o Estado Islâmico. Acessado em 03 de Janeiro, 2015. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/mundo/mulheres-curdas-assumem-linha-de-frente-contra-estado-islamico-14730323>>.

NAÇÕES UNIDAS (2014, 14 de Novembro). Report of the Independent International Commission of Inquiry on the Syrian Arab Republic. Rule of Terror: Living under ISIS in Syria, Doc. Acessado em 10 de Dezembro, 2014. Disponível em <http://www.ohchr.org/Documents/HRBodies/HRCouncil/CoISyria/HRC_CRP_ISIS_14Nov2014.pdf>

PLATT, Gareth. A Kurdish Female Fighter's War Story: 'I Don't Know How Many I've Killed in Kobani - I Don't See Isis as Human'. Acessado em 20 de Dezembro de 2014. Disponível em <<http://www.ibtimes.co.uk/kurdish-female-fighters-war-story-i-dont-know-how-many-ive-killed-kobani-i-dont-see-1471412>>.

SHIRKY, Clay. The political power of social media: Technology, the public sphere, and political change. Foreign affairs, p. 28-41, 2011.

Syrian observatory of human rights. Acessado em 10 de Dezembro, 2014. Disponível em <<http://syriaohr.com/en/>>

U.S. CONGRESS; U.S. SENATE; WIKIMEDIA FOUNDATION; FOREIGN AFFAIRS FOUNDATION; FOREIGN AFFAIRS COMMITTEE; AUSTRALIAN NATIONAL SECURITY. The ISIS Threat: The Rise of the Islamic State and their Dangerous Potential. Providence Research, 2014.

WEBER, Cynthia. Securitising the unconscious: The Bush doctrine of preemption and Minority Report. Geopolitics, v. 10, n. 3, p. 482-499, 2005.

Acessado em 10 de Dezembro, 2014 e 03 de Janeiro, 2015. Disponível em <<https://www.facebook.com/kurdish.female.fighters.ypj>>.

Acessado em 10 de Dezembro, 2014 e 03 de Janeiro, 2015. Disponível em <<https://www.facebook.com/themiddleeasternfeminist?fref=ts>>. Acessado em 15 de Dezembro, 2014. Disponível em <<http://bijikurdistan.tumblr.com/>>.

Youtube. (2014, Setembro 29). FULL 60 Minutes: Kurdish Female Fighters against ISIS

- FEMALE STATE (extended un-aired footage). [Video File]. Encontrado em <https://www.youtube.com/watch?v=lro62AJ6e7M>

Youtube. (2012, Julho 23). Female Fighters of Kurdistan (Part 3/3) [Video File]. Encontrado em <https://www.youtube.com/watch?v=PLxniHLkMM0>

Youtube. (2012, Julho 23). Female Fighters of Kurdistan (Part 2/3) [Video File]. Encontrado em <https://www.youtube.com/watch?v=cGVkQtMjDk8>

Youtube. (2012, Julho 23). Female Fighters of Kurdistan (Part 1/3) [Video File]. Encontrado em https://www.youtube.com/watch?v=h_0kg8V1xkE

Youtube. (2013, Fevereiro 1). “Islamic State of Iraq” tocando o terror [Video File]. Encontrado em <https://www.youtube.com/watch?v=raQolpZHOrM>

Youtube. (2014, Agosto 19). Yazidi Refugees Escape Islamic State Fighters: The Battle for Iraq (Dispatch 6) [Video File]. Encontrado em <https://www.youtube.com/watch?v=L8EdkH4bIIA>

Youtube. (2014, Abril 21). Caminhoneiros mortos por MUÇULMANOS por não saber-